

Ritual nambikwara para a passagem da mulher à idade adulta

Os governantes chineses da antiguidade consideravam a música algo sério e sagrado que purificava os sentimentos dos homens. Acreditavam que o entusiasmo do coração se manifesta espontaneamente no som do canto, na dança e no movimento rítmico do corpo unindo os homens.

Foi mais ou menos isto que se deu no ritual de passagem que os Nambikwara, habitantes do Vale do Guaporé e Serra do Norte (MT), realizaram em outubro último. De maneira comovida e harmoniosa, oito subgrupos Nambikwara — além dos Rikbaktsa, também no Mato Grosso, estiveram reunidos durante três dias na aldeia de Capitão Pedro, partilhando seus cantos e danças nos festejos de passagem de duas meninas à fase adulta.

Júlia Pascal, atriz e teatróloga, que esteve presente na festa Nambikwara, contou como foi o ritual

Todas as mulheres Nambikwara vivem o rito da passagem durante sua primeira menstruação. Ai então entram numa fase de reclusão que pode variar de um a dois meses. Nesta fase não lhes é permitido sair de casa, tampouco conversar com outras pessoas ou cortar os cabelos. São as mães que lhes dão banho, sempre de água morna. Junto à reclusão, vem a festa da passagem.

Na aldeia de Capitão Pedro foi ele mesmo quem cuidou de fazer o convite às demais comunidades Nambikwara e da preparação da caça dos macacos que seriam servidos aos visitantes.

A festa durou três dias, quando as duas garotas saíam durante a noite acompanhadas por dois homens para as danças e cantos, e, sempre com os olhos cobertos pelos cabelos, eram guiadas apenas pelo ritmo da música. Homens e mulheres dançam em rodas separadas.

Na hora da canção um homem preparado para o canto guia a manifestação. Ele canta e, em seguida, os outros respondem. O tema das músicas é relacionado à passagem da fase de infância para a adulta.

A variação de uma música para outra é pequena, embora significativa. Na aldeia Capitão Pedro todos participavam apesar de as músicas serem a cada momento coordenadas por um representante de subgrupos presentes e foi justamente isso que provocou uma maior integração. Mesmo que nem todos soubessem a canção ou o passo da dança, a assimilação ia acontecendo na base da observação.

Conforme adentrava a noite o grupo se tomava de uma energia única que se refletia na produção dos sons e dos movimentos, tornando a comunicação uníssona e forte, algo transcendental, explica Júlia, como se fosse justamente o que buscavam.

O verdadeiro exercício de resistência durava a noite toda varando a madrugada até o nascer do sol. Isso por três noites consecutivas e com uma companheira infalível, a xixa (bebida fermentada) que circulava todo tempo pela festa.

No último dia do ritual as moças foram retiradas da reclusão. Algumas vezes, iam e voltavam para descansar, ora participando ora não da roda.

Antes do amanhecer foram colocadas de joelhos dentro da roda ao lado dos seus pais e dos homens que as acompanharam durante a festa. Os homens trocaram palavras como que considerando-as prontas para o casamento e então elas não voltaram mais à reclusão.

A empolgação não terminou por aí. O entusiasmo com as danças fez com que, mesmo sem ter sido programado, o ritual de furar o beijo e o nariz dos homens acontecesse.

O ritual normalmente se dá com os meninos quando estão por passar à fase adulta.

Garotos e homens casados participaram do ritual num ato de retomada de identidade cultural com uma emoção que pôde ser percebida no discurso espontâneo de um dos meninos, Mané, da aldeia Nambikwara de Campos Novos.

Mané é professor e suas palavras foram pela afirmação de suas raízes. Ele lembrou que o índio tem suas próprias fantasias não podendo ceder às do branco em prejuízo das suas. Realçou ainda a importância de se reconhecerem como povos diferenciados, auto-afirmando seu valor cultural.

Velhos e jovens ouviram comovidos a mensagem de Mané e a Festa da Passagem acabou por demonstrar a razão de estarem tentando manter vivas manifestações como esta.

Mas não se tratava apenas de uma demonstração e a festa acabou tendo desdobramentos inesperados.

Com a apresentação das danças de guerra dos Nambikwara presentes, a empolgação contagiou os índios Rikbaktsa, que não estavam preparados para se apresentarem. Entretanto, participaram profundamente do ritual. Saíram à busca da taboca (bambu) para a confecção de flautas, vestiram-se, pintaram-se e dançaram também com enfeites emprestados pelos Nambikwara.

O encontro foi crescendo e a solidariedade tomando seu lugar. Com seus rituais os índios se apresentavam, se conheciam mais profundamente travando o diálogo de sobrevivência física e cultural.

